

A LEITURA E A ESCRITA NO HIPERTEXTO DIGITAL COMO PRÁTICAS SOCIAIS: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

Lenir de Jesus Barcelos Coelho¹ (UEG)

Resumo: Vários estudos desenvolvidos no campo da educação apontam para as dificuldades relacionadas à deficiência da leitura, da escrita e da interpretação de textos impressos, que abrangem uma parcela significativa de alunos que se apresentam incapazes de compreender o que lêem. No entanto, percebe-se que com o advento da internet surgem novas formas de leitura e escrita, trazendo para o cotidiano das crianças e jovens em idade escolar essa nova linguagem, colocando-os, ao mesmo tempo, na situação de leitor e de autor. Este trabalho propõe reflexões sobre como se configuram a leitura e a escrita no hipertexto, bem como sobre o papel social destas práticas e as implicações para o letramento dos que as utilizam.

Palavras-chave: Letramento. Hipertexto. Leitura. Escrita.

Introdução

Diversas pesquisas realizadas no âmbito da educação brasileira demonstram certa preocupação quanto às dificuldades apresentadas por crianças e jovens, concernente às práticas de leitura e de escrita do texto impresso, principalmente no que diz respeito à compreensão leitora. Tendo em vista estas preocupações, percebe-se grande ênfase na importância de propostas que resultem em práticas de letramento. Não obstante, existem acentuadas críticas acerca do significado das propostas de leitura e escrita para o sujeito que as desenvolve, principalmente no espaço escolar. Nesse sentido, Cagliari (2004) afirma que muitas atividades relacionadas à escrita e à leitura, propostas pela instituição escolar, não apresentam significados para a criança e o jovem, haja vista que estas têm objetivos alheios aos da produção da escrita e do exercício da leitura enquanto práticas sociais.

É importante considerar que, no contexto atual, não há como reduzir as funções sociais da leitura e da escrita apenas no que se refere ao texto impresso, pois vivemos no que Lévy (1994) denominou de “era da informação”, na qual as novas formas midiáticas como, por exemplo, o computador e a Internet, provocaram transformações no conceito de tempo e espaço que, conseqüentemente, proporcionaram mudanças no suporte de leitura e escrita, do texto impresso para o hipertexto digital; do livro para a tela do computador.

Este trabalho consiste na revisão bibliográfica sobre o significado da leitura e escrita no contexto atual, tendo em vista as novas configurações do ato de ler e de escrever

¹**BARCELOS-COELHO, Lenir de Jesus.** Universidade Estadual de Goiás – UEG. Programa de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologia, lenirbarcellos@hotmail.com

ocasionadas pelo advento das novas tecnologias. Visa propor reflexões acerca de como o hipertexto digital enquanto prática social pode contribuir para o letramento do escritor/leitor no que se refere à apropriação da nova tecnologia digital, ao exercício das práticas de leitura e escrita na tela, bem como à compreensão leitora e ao uso social dessas habilidades como práticas sociais. (SOARES, 2002).

1. O que é Letramento?

Silva (2009) compreende que não existe uma concepção única do termo letramento, no entanto, conclui que, apesar das divergências conceituais, há um consenso de que o termo está relacionado com a escrita, isto é, não há como compreender o letramento dissociado desta. Soares afirma que a dificuldade de delimitar com precisão um conceito universal para o termo letramento, “[...] deve-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas, complexidades difíceis de serem contempladas numa única definição.” (SOARES, 2012, p. 66).

De acordo com a autora supracitada, no Brasil o termo letramento é recente na área da educação e da linguística. Surgiu na segunda metade da década de 1980 e, inicialmente, referia-se à mera aquisição da aprendizagem da leitura e escrita. No entanto, segundo Fernandes (2006), devido ao fato desse conceito tradicional não ser capaz de abarcar os significados dessas práticas no discurso, houve consideráveis transformações quanto à maneira de pensar a leitura e a escrita, tendo que levar em conta os diferentes contextos socioculturais de uso da língua.

As reflexões propostas nesse artigo se baseiam na concepção de letramento defendida por Soares (2012) e por Kleiman (1995). Para Soares, letramento, num sentido mais amplo, diz respeito às práticas de leitura e escrita, isto é, além da aprendizagem da tecnologia envolvida no ler e escrever, é necessário ao sujeito saber fazer uso e envolver nas atividades de leitura e escrita. Segundo ela, o que se entende por letramento está intrinsecamente ligado às necessidades e condições sociais específica de cada momento histórico.

Ângela Kleiman define letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN 1995, p. 81). Neste sentido, considera que a leitura e a

escrita devem ser encaradas como atividades sociais, ou seja, atividades que atendem a um propósito. Em texto posterior, a autora reafirma a compreensão de letramento como sendo “as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (KLEIMAN 1998, p. 181). Nessa concepção, letramento pode ser entendido como práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências destas sobre a sociedade.

Comungando com o entendimento de que o letramento deve ser entendido como prática social, Snyder, Lankshear & Green consideram que a “leitura e a escrita podem ser entendidas e adquiridas apenas em contextos de práticas sociais, culturais, políticas, econômicas e históricas” (SNYDER, LANKSHEAR & GREEN apud FERNANDES 2006, p.25). Dessa forma defendem ser correto referir-se a letramentos, no plural, pois concluem que diferentes práticas sociais requerem diferentes letramentos.

Com o advento das novas tecnologias digitais houve alterações significativas no que diz respeito às práticas sociais da leitura e da escrita, haja vista que instaurou novas formas de pensamento, de comunicação, bem como de acesso às informações e de percepção do conhecimento. (PINHEIRO, 2005). O condutor dessa mudança é, principalmente, a Internet e, inserido nela, o hipertexto que propõe “uma nova ordem para o uso das habilidades de leitura e escrita, quebrando o paradigma do livro impresso que reinara até então” (BOLTER, 1991, p. 5-6).

As novas práticas de leitura e escritas no hipertexto digital são denominadas por Xavier de letramento digital. Nesse sentido, o termo letramento amplia para a capacidade de

[...] assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela -, também digital (XAVIER, 2005,).

Soares (2002) compreende a tela do computador como espaço de leitura e de escrita que configura como novos processos cognitivos, novos modos de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, em suma, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. Goulart (2005) reforça tal concepção ao conferir ao letramento digital as novas práticas discursivas suscitadas pelo hipertexto. Considera que neste contexto a escrita é a principal via de acesso à informação e, por isso, não há como dissociá-la do código alfabético,

Compreendendo a leitura e a escrita como práticas sociais, considera-se de suma importância discorrer, mesmo que de forma breve, sobre as transformações a que sofreram desde a origem, da forma pictórica até o advento do computador.

2. A escrita e a leitura: das paredes das cavernas ao computador

Desde os primórdios da história da humanidade a escrita apresentou-se imbuída de uma função social específica, cujo desenvolvimento é caracterizado em três fases distintas: pictórica, ideográfica e alfabética. (CAGLIARI 2004).

Mediante a necessidade de registrar informações, o homem primitivo desenvolveu um sistema de escrita simplificada dos objetos daquela realidade, por meio de desenhos nas paredes das cavernas. Na fase ideográfica, esses registros passaram a ser feitos por meio de desenhos mais elaborados e, no decorrer do tempo, a escrita foi sofrendo transformações e perdendo a forma ideográfica, originando então a escrita alfabética.

Em cada fase, a escrita foi mediada por um tipo de tecnologia, cada uma a seu tempo. Soares compreende que cada tecnologia corresponde a um espaço diferente da escrita. Segundo ela:

Nos primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador. (SOARES, 2002, p. 148).

De acordo com Bernardes, Cunha e Vieira (2003), cada tecnologia da escrita resultou em mudanças significativas nas práticas socioculturais de cada época. Na cultura oral, produzida através da narrativa, o homem construía o conhecimento na coletividade, mediado pela interação e troca de experiências entre os pares. No entanto, com o advento da escrita, o discurso torna-se mais dependente de uma gramática, pois os significados do escrito irão emergir de uma estrutura linguística anterior à sua produção. Assim, as palavras antes pronunciadas e ouvidas passaram a ser escritas e vistas como símbolos a serem decodificados pelo leitor, de forma que o som acabou reduzindo-se ao registro escrito. Dessa forma, a

tecnologia da escrita promoveu mudanças nas práticas socioculturais do ocidente, assumindo a preponderância político-cultural, antes ocupada pela oralidade.

De acordo com Dias (1999), os primeiros registros escritos no papiro data-se por volta de 3000 a.C. e a função social da escrita naquele período estava direcionada ao desenvolvimento da agricultura, da contabilidade e do inventário dos templos e, mais tarde, com o surgimento dos primeiros Estados, acrescentou a função de organização dos impostos.

A partir de 1700 a.C., com o surgimento do alfabeto norte-semítico, a escrita cuneiforme, a aramaica e o alfabeto grego, surgem outras tecnologias utilizadas como suporte da escrita, dentre elas destacamos a argila, a cerâmica e as peles de animais, além da permanência do papiro. Entretanto no século III a.C., com a criação da Biblioteca do Museu de Alexandria, surgiu o pergaminho como outra opção de suporte e o livro como reunião de vários pergaminhos ou papiros. O papel, como é conhecido hoje, é introduzido no mundo ocidental em meados do século XII e difundido na Europa a partir do século XIII, cuja produção em maior escala se deu no século XV, com o advento da invenção da imprensa e da tipografia, por Gutenberg.

Segundo Chartier, a invenção da imprensa não resultou em transformações significativas na forma de organização do livro, visto que “um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais, as do *códex*.” (CHARTIER, 1998, p. 7-9). Entretanto, essa revolução tecnológica trouxe profundas mudanças na forma de produção, reprodução e difusão da escrita alterando, conseqüentemente, as práticas sociais e individuais de leitura e de escrita.

Para Soares, esse fato “modificou o letramento, isto é, o estado ou condição de quem participa de eventos em que tem papel fundamental a escrita.” (SOARES, 2002). Isto se deve ao fato do livro, que antes era manuscrito, produzido de forma restrita, configurando em objeto de luxo, passou então a ser reproduzido em grande escala e em cópias sempre idênticas, proporcionando ao leitor maior acesso ao conhecimento, antes restritos aos mestres encarregados da interpretação e transmissão do conteúdo dos manuscritos aos discípulos. (DIAS,1999).

No decorrer da história da escrita é possível notar duas grandes revoluções: a criação da imprensa e o advento do computador. Considera-se que como a transição da cultura manuscrita para a cultura tipográfica trouxe transformações significativas para o indivíduo e

para a sociedade, do mesmo modo a passagem da cultura predominantemente topográfica para outra na qual se insere também a escrita digital, denominada de cultura eletrônica, trás novas configurações sociais e, sobretudo, na forma de ler e escrever, pois, no contexto atual a escrita e a leitura não se resumem ao texto impresso, mas se expandem para além deste, para a tela do computador, ou seja, para os hipertextos digitais.

3. Do texto ao hipertexto

De acordo com a história, durante séculos, na tentativa de possibilitar maior velocidade da leitura e da recuperação da informação, escribas, professores e técnicos, envolvidos na produção do livro, fundamentados na ideia de hipertextualidade, inventaram mecanismos, que causaram impacto nas concepções de pesquisa científica, literatura e educação. Como exemplo pode-se citar a “*marginalia*”, datada dos séculos XVI e XVI, que consistia em índices pessoais, citações de textos e encaminhamento do leitor a outras partes ou outros textos de outros autores por meio de anotações nos cantos das páginas. Tais elementos tinham como objetivo possibilitar ao leitor a avaliação do conteúdo da obra de forma rápida, bem como, o acesso a outras publicações de modo seletivo e não linear. Contudo, embora estes mecanismos tenham impactado na concepção moderna de conhecimento da época, não foi o suficiente para suprir as demandas da sociedade, visto que a informação organizada em livro permanecia presa a uma sequência linear.

Para pesquisadores como Timm, Schnaid e Zaro (2009), a estrutura hipertextual que mais se aproxima da conhecida nos dias atuais é a de Vannevar Bush, matemático e físico, que, após concluir que a mente humana não funciona de forma linear, mas sim por associação entre os pensamentos por meio do que chamou de “trilhas associativas”, descreveu no artigo *As we may think*³, de 1945, o pensamento de reproduzir em suportes de escrita os processos mentais humanos de associação de ideias e da formação do conhecimento através das recordações e ligações entre os assuntos.

No referido artigo, Bush esboçou o *Memex*⁴, uma máquina capaz de guardar informações acessáveis de forma fácil e rápida, cujo objetivo era suprir as falhas da memória

² Palavra em latim que significa "livro", "bloco de madeira", o mesmo que códice na língua portuguesa.

³ Tradução: Como podemos pensar.

⁴ *Memory Extension* (extensão da memória).

humana através de recursos mecânicos e possibilitar maior interação do leitor com o texto, por meio da possibilidade de acréscimos de notas e comentários pessoais a este.

O hipertexto digital surgiu a partir do sistema desenvolvido por Theodor Nelson, na década de 1960, denominado de “Projeto *Xanadu*”, um processador de textos capaz de lidar com versões múltiplas e mostrar as diferenças entre essas versões, moldado a partir da criação de um ambiente literário unificado (MARQUES, 1992; LIMA, 2007). O objetivo de Nelson foi auxiliar a escrita não-sequencial, possibilitando ao leitor maior autonomia para escolher o próprio itinerário no decurso do documento eletrônico. Conforme afirma Conklin (1987, apud NONATO, 2009), Theodor Nelson foi o responsável pela evidência do termo “hipertexto”, o qual definiu como sendo a combinação do texto em linguagem própria com a habilidade do computador de realizar pesquisa interativa e exibir, de forma dinâmica, um texto não-linear.

Consoante Vilan-Filho (1994), a revolução tecnológica evidenciada a partir da década de 1980, possibilitou a inclusão de imagens, sons e textos nos hipertextos digitais, graças à ampliação da capacidade de armazenamento e processamento dos computadores, o que, no início da década subsequente, contribuiu para inserção destes no âmbito comercial. Para o autor supracitado, a popularidade do sistema de hipertexto se deve à criação da *web*, no início da década de 1990, o que possibilitou alcance mundial.

Para melhor compreensão das mudanças ocorridas no exercício da leitura e da escrita, ocasionadas com o advento do hipertexto digital, torna-se imprescindível apontar alguns conceitos de texto e, posteriormente, que se faça o mesmo com o hipertexto.

Koch (2002) afirma que o conceito de texto depende das concepções de língua e de sujeito. Ou seja, quando se concebe a língua como representação do pensamento e o sujeito como propagador das próprias intenções psicológicas, o leitor assume uma postura passiva diante do texto, tendo em vista que este nada mais é do que o produto do pensamento do escritor. Por outro lado, Koch considera que, na perspectiva sócio-interacionista, o sujeito é ativo e assume o papel de ator/construtor e o texto é visto como um ambiente interacional.

Guimarães (1992) conceitua o texto como um enunciado oral ou escrito, de extensão variável, que pode reportar tanto a um enunciado único, quanto a um segmento de grandes proporções. Nesta perspectiva, uma frase, um provérbio, um poema, um romance são considerados textos, assim como determinadas palavras como “Fogo!”, “Silêncio!” quando situadas em certos contextos específicos.

Cagliari (2004) corrobora a definição de Guimarães quando assegura que um texto

não se define pela sua extensão, pois, dependendo do contexto pode conter apenas uma palavra como, por exemplo, o termo “PARE”, estampado nas placas de trânsito ou no asfalto em um cruzamento, como também pode ser mais extenso como no caso de um conto, uma carta, uma lista de compra, entre outros.

Marcuschi (2002) utiliza o termo gênero textual para referir aos textos materializados, encontrados no cotidiano e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Em outro estudo (MARCUSCHI, 2006), o autor afirma que os textos não podem ser concebidos como modelos estanques ou como estruturas rígidas, mas como entidades dinâmicas, formas culturais e cognitivas de ação social. Não como superestruturas canônicas simplesmente determinadas pelas pressões externas. Devem ser concebidos como formações interativas e flexíveis de organização e de produção de sentidos.

O texto impresso apresenta características que o difere do hipertexto digital. Como exemplo pode-se citar o fato de ser escrito e lido linearmente, sequencialmente, da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra. Apesar de ser considerado como sendo um ambiente interacional, apresenta dimensão definida, com começo, meio e fim, além de apresentar organização linear e estrutural.

Por outro lado, conforme defende Lévy (1994), no hipertexto a escrita e a leitura acontecem de forma multilinear e multi-sequencial. Possui a dimensão que o leitor lhe der: o começo e o fim são determinados pelo leitor por meio de um clique na primeira tela (começo) e um clique quando o leitor se sentir satisfeito ou considerar suficientemente informado. A tela é uma unidade temporal, diferentemente da página estrutural. Nesse entendimento, o hipertexto consiste em:

[...] um conjunto de nós conectados pelas ligações. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser, eles próprios, hipertextos. Os itens de informação não estão ligados linearmente, como numa corda com nós: cada um deles, ou a maior parte estende as suas ligações em estrela, de modo reticular. (LÉVY 1994, p. 33).

Lévy compreende que o hipertexto traz mudanças significativas no modo de ler e escrever, tendo em vista que este rompe as fronteiras do texto, deixando-o sem interioridade definível. Considera que este fato contribui para a dinamicidade e incompletude do texto digital, o que requer, da parte do leitor, constante organização, seleção, associação, contextualização das informações. Entende que no hipertexto há constante construção e

renegociação de sentidos, o que é influenciado pela dinâmica da disseminação de informações na *Web*. Nesse sentido, mesmo que a estrutura hipertextual criada permaneça por certo tempo, há sempre uma demanda social que a leva à transformação.

Outro elemento importante, considerado por Lévy (1994), é a multiplicidade e articulação do hipertexto, uma vez que este sempre se expande em ou a partir de outros textos. Em outros termos, pode se afirmar que o hipertexto é uma rede de associações que faz parte de outras redes onde os nós se articulam por meio da geração de vários links em volta de textos. Ao que reforça Bolter:

Hipertexto consiste nos tópicos e nas suas ligações, os tópicos podem ser parágrafos, frases, expressões ou simples palavras. Um hipertexto é como um livro impresso no qual o autor tem disponíveis um par de tesouras para cortar e colar pedaços de outros textos, de tamanho conveniente. A diferença é que um hipertexto eletrônico não se dissolve num desordenado conjunto de anotações, o autor define a sua estrutura na forma como cria as ligações entre essas anotações. (BOLTER, 1991).

Lévy afirma ainda que, além de o hipertexto ser constituído de nós e de *links* heterogêneos, também é composto de uma diversidade de elementos, os quais se apresentam na sua composição multimídia feita de imagens, de textos e de sons. Villaça corrobora que no suporte eletrônico “se vive a maior das revoluções através de uma estrutura agregativa em que vários recursos novos entram em cena: presença de imagens em movimento, a animação das próprias palavras, a presença de vozes, páginas com várias saídas” (VILLAÇA, 2002).

Para melhor compreender a função social das práticas de leitura e de escrita no âmbito digital faz se necessário abordar o perfil do leitor predominante na cultura digital, a quem Santaella (2004) classifica de “leitor imersivo” que surge da multiplicidade dos signos e ambientes virtuais de comunicação imediata.

Este novo modelo de leitor nasce inserido nos grandes centros urbanos, acostumados com a linguagem efêmera e provido de uma sensibilidade perceptivo-cognitiva quase que instantânea. É receptor de uma hipermídia ou seu usuário e coloca em ação mecanismos, ou melhor, habilidades de leitura muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um texto impresso, bem como daquelas que são empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão.

Santaella (2004) considera que com a proliferação crescente das redes de telecomunicação, especialmente a internet, surge um leitor que possui novas formas de percepção e cognição, imergidas pelos os atuais suportes eletrônicos e estruturas híbridas e alineares do hipertexto.

Marc Presky (2001) utilizou o termo “nativos digitais” para denominar os que nasceram a partir da década de 1980, os quais cresceram cercados por tecnologias digitais e as usam brincando. Por estar familiarizado com elas, as vêem como aliadas. Devido a esse novo tipo de leitor, novas configurações nas práticas de leitura e de escrita são delineadas, agora não apenas no texto impresso, mas também, e principalmente, nos hipertextos digitais os quais podem influenciar o desenvolvimento da aprendizagem da criança e do jovem da sociedade atual. (SOARES, 2002).

Em consonância com a capacidade de comunicação do novo leitor, que comunica muito e com vários interlocutores simultaneamente, a leitura e a escrita no hipertexto são usadas de forma coletiva por todos que acessam a internet, como um viés para estabelecimento de relações entre estes interlocutores.

Além da escrita no hipertexto ser coletiva, também plausível de ser constantemente modificada, diferentemente do texto impresso no qual a plasticidade e o conteúdo estão concluídos, não permitindo a inferência do leitor. Soares (2002) considera que esta característica do hipertexto fascina sobremaneira os jovens, tendo em vista a possibilidade de outros tipos de interpretação. Assim os leitores/escritores criam uma escrita própria entre eles. Desta forma, a escrita acontece de maneira coletiva, envolvendo os jovens e levando estes a criarem maneiras diversas de escrever, ou seja, uma escrita própria entre eles.

4. Implicações pedagógicas no contexto hipermediático

Conforme Toschi (2002), no contexto atual predomina a era da informação e não a era do conhecimento, pois, afirma que as informações veiculadas nas mídias não são, necessariamente, conhecimento. Defende a necessidade do exercício da crítica dos conteúdos midiáticos, no sentido de que o aluno os reelabore, a fim de que estes sejam ressignificados e aplicados como práticas sociais. Considera que o exercício da cidadania passa pela análise crítica da informação.

Para Vitor Paro (1999), é delegada à escola a tarefa de atualização histórico-cultural dos cidadãos, visando possibilitar o exercício do bem viver. Nesse sentido, compreende-se que as tecnologias, inclusive a computacional, portadora de diferentes formas de hipertextos, são consideradas herança cultural da humanidade e, conseqüentemente necessárias às práticas sociais, o que incluem a leitura e a escrita nos suportes digitais.

Libâneo (2001) propõe que a escola dos novos tempos seja um espaço de síntese entre a cultura dos meios de comunicação e a cultura formal, sendo a escola um espaço privilegiado para essa tarefa. Para tanto, Toschi (2002) acredita ser necessário a reinterpretação das tecnologias como sendo meios necessários ao processo de ensino e aprendizagem e não como fim nelas mesmo. A autora afirma não ser mais possível ignorar as mídias e o uso delas no contexto escolar. Considera que o ato de ler e escrever é a base da escola e, no momento atual, essas práticas não podem se restringir à decifração de letras, tendo em vista as relações entre palavras, imagem e desenhos.

Considerações finais

As novas configurações sociais, protagonizadas pela chamada cultura digital, pressupõem novos desafios ao ensino formal, haja vista que neste ainda são predominantes métodos e concepções que não abarcam a complexidade do perfil do sujeito do contexto atual. Nesse sentido, considera-se de suma importância a releitura das teorias que contribuíram para compreensão de como o sujeito constrói o conhecimento. Pois, cada método pedagógico revela uma concepção do ser humano e uma compreensão sobre o modo como se aprende e, certamente, hoje há uma nova concepção de ser humano e novos modos de aprendizagem.

Tendo em vista a preocupação percebida no âmbito das pesquisas escolares quanto ao letramento do aluno, compreende-se que as propostas pedagógicas não podem ser dissociadas da cultura digital. Neste contexto, o conceito de uso social da leitura e escrita ultrapassa o fato do sujeito saber manusear os suportes escritos como, por exemplo, um bilhete, uma carta, mas também requer habilidades para o uso do hipertexto como práticas sociais.

Considerando o perfil dos “nativos digitais”, capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo, pode se afirmar que a leitura e a escrita no hipertexto digital se apresentam como agentes de letramento, tendo em vista possibilitarem a dinamicidade e o exercício da criatividade que lhes são próprios, permitindo, dessa forma, o exercício da produção e a compreensão leitora. Compreende-se que esse tipo de leitor aprende de forma peculiar, desenvolvendo diferentes habilidades de compreensão do que lê, seja texto escrito, imagens, cores, dentre outras formas de hipertextos veiculados nos espaços digitais. Partindo deste pressuposto, compreende-se que a leitura e a escrita realizadas neste suporte pode contribuir

para o letramento do sujeito, desde que providas de mediação no sentido de possibilitar o exercício da análise crítica dos conteúdos lidos ou produzidos por ele.

É importante ressaltar que o letramento digital não pressupõe apenas o conhecimento técnico como o uso de teclados, dos programas de computador e das interfaces gráficas, mas requer a inclusão da habilidade de construir sentido a partir dos hipertextos. É imprescindível que o leitor/escritor saiba localizar, filtrar e avaliar de forma crítica as informações disponíveis na rede. Considera-se que cabe à escola, como uma das principais agências de letramento, o desafio de assegurar aos alunos o acesso a diversas práticas de leitura e escrita, relativas às diferentes formas de letramento, inclusive o letramento digital.

Referências

BERNARDES, A. S.; CUNHA, P. V.; VIEIRA, P. M. T. **A leitura/escrita no ciberespaço: uma discussão a partir do conceito de gênero discursivo em Bakhtin.** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003.

BOLTER, J. **Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing,** Lawrence Erlbaum Associates. 1991. Disponível em: http://ntmsaolourenco.blogspot.com.br/2012/04/conceito-de-hipertexto_10.html. Acesso em 25 de julho de 2012.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística.** 10ª ed. São Paulo, 2004.

CHARTIER, R. **Le livre en révolutions.** Paris: Textuel, 1997. (Trad. português: A aventura do livro. São Paulo: UNESP, 1998).

DIAS, C. A. **Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais** <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/286/253>, acessado em 13 de julho de 2012.

FERNANDES, A. A. **A leitura de hipertexto: uma análise da prática pedagógica de um docente de Língua Inglesa em laboratório de multimídia em uma escola da cidade de Fortaleza-CE 2006.** Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/adrianaalmeidafernandes.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2012.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto.** São Paulo: Ática, 1992.

GOULART, C. Letramento e Novas Tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R.(org) **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNEO, J. C.. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 3 ed. Goiânia: Alternativa, 2001;

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1994. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004

LIMA, G. Â. B. **Categorização como processo cognitivo**. Ciência e cognição, v.11, p. 156-167, 2007. Disponível em:
www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/663. Acesso em: 23 de julho de 2012.

MARCUSCHI, L A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A R.; BEZERRA, M. A.(Orgs.) **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. **Gêneros textuais**: Reflexão e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006

MARQUES, E. V. **Introdução aos sistemas de hipertexto**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.24, n.1, p.85-111, jan./jun. 1995.

NONATO, R. dos S. **Teoria do conceito e hipertextos**: uma proposta para determinação de relacionamentos em links conceituais. 2009. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp114170.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2012.

PARO, V. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETE, C. *et all.* **Trabalho, formação e currículo** – para onde vai a escola? São Paulo: Xamã, 1999.

PINHEIRO, R.C. Estratégias de Leitura para a Compreensão de Hipertextos. In: ARAÚJO, J.C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.) **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PRENSKY. M. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. 2001. Disponível em: <http://pdfcast.org/pdf/nativos-digitais-imigrantes-digitais-marc-prensky>. Acesso em: 19 de novembro de 2012.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço**: o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

SILVA, E. M. da. **Reflexões acerca do letramento**: origem, contexto Histórico e características. 2004. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/20041105_Elson.pdf. Acesso em: 27 de julho de 2012.

SNYDER, I., LANKSHEAR, C. & GREEN, B. Teachers and technoliteracy: managing literacy, technology and learning schools. Allen & Unwin, 2000 apud FERNANDES, A. A. **A leitura de hipertexto**: uma análise da prática pedagógica de um docente de Língua Inglesa em laboratório de multimídia em uma escola da cidade de Fortaleza-CE 2006. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/adrianaalmeidafernandes.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2012.

SOARES M. **Novas práticas de leitura e escrita**: Letramento na cibercultura. Disponível em <http://cedes-gw.unicamp.br/revista/rev/sumarios/sum81.htm>. Acesso em 13 de julho de 2012.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TOSCHI, M. S. Linguagens midiáticas em sala de aula e a formação de professores. In: ROSA, D. E. G. e V. C. de (orgs.). **Didática e práticas de ensino**: interface com diferentes saberes e lugares formativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TIM M. I.; SCHNAID F.; ZARO M. A. **Contexto histórico e reflexões sobre hipertextos, hipermídia e sua influência na cultura e no ensino do Século XXI**. 2009. Disp In: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13669/7954>. Acesso em: 23 de julho de 2012.

VILAN-FILHO, J. L. **Hipertexto**: visão geral de uma nova tecnologia de informação. Ciência da Informação, Brasília, v.23, n.3, p.295-308, set./ dez. 1994.

VILLAÇA, N. **Impresso ou Eletrônico?** Um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

XAVIER, A. C. **Letramento digital e ensino**. Disponível em:
<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 27 de julho de 2012.